



DESENHAR A ESCOLA QUE SE DESEJA: POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS

Gilliatt Moraes Giudice
gilliatt.moraes@yahoo.com.br
CTUR/UFRRJ e PPGEduc/UFRRJ

ISSN 2316-6479

Resumo

A escola também como espaços de alternâncias, como lugares dos desejos, dos devaneios mais íntimos, com seu próprio tempo, diverso do tempo das velocidades externas, da lógica das relações econômicas que se irradia para todos os aspectos da vida. A partir da experiência de uma oficina extracurricular junto a alunos do ensino médio, tratamos da ideia do viver o desenho ou a pintura como ato constitutivo de realidades, como pensamento que começa a existir ao se fazer. Esperamos com essa vivência poder contribuir para futuros debates onde se pretenda pensar sobre lugares de criação de outros possíveis.

Palavras-chave: escola, desenho, tempo.

Abstract

The school also as spaces of interchanges, as places of desire, of the most intimate reveries, with your own time, different of the time of the extreme velocity, of the logic of economic relations that radiates to all aspects of life. From the experience of an extracurricular workshop with high school students, we approach the idea of living the drawing or the painting as an act constitutive of realities, as an thought that begins to exist when it's done. We hope with this experience to contribute to future discussions about places of creation of other possibles.

Keywords: school, drawing, time.

“A imaginação tenta um futuro”


Gaston Bachelard

“No entanto, se hesito quanto ao método, tenho mais confiança nos exemplos vividos pelo poeta.”

Gaston Bachelard

Como o cotidiano da escola surge como lugar privilegiado, enquanto instituição das mais poderosas, para a reprodução de ideias, representações e imagens? Ao mesmo tempo, como esse cotidiano, potencialmente, surge como lugar de criação e contestação dessas reproduções? Ainda, dentro do universo escolar, qual é a relevância daqueles espaços que estão fora dos espaços/tempos regulares da sala de aula?


É a partir dessas indagações que surge o presente trabalho. Aqui intencionamos aprimorar nossa percepção dos cotidianos, que contemplam, talvez com mais intensidade - posto que estamos lidando com desejos -



aquelas vivências, trocas e experiências que vão além dos espaços/tempos regulares das salas de aula. A necessidade de voltarmos nosso olhar para essa dimensão do universo escolar acompanha a importância da escola se voltar com maior atenção e dedicação para uma das dimensões da criação humana que é a realização estética. E mais, atenção e dedicação ao pensar essas realizações, pensar a criação de espaços para essas manifestações, como algo que transcenda a visão de simples atividades lúdicas e recreativas. Essa visão poderia ser vista com mais gravidade. É no recreio que os desejos explodem. Porque não pensar o recreio como espaço dos mais significativos para o pensamento? No recreio a escola se recolhe, assim como na hora da saída, e é aí que a escola também acontece com viva intensidade. Sendo assim, propomos aqui o pensar esses espaços de criação de outros possíveis. Pensar outros espaços também como espaços para manifestações artísticas, para o acontecimento de um cineclube, uma oficina de música, de teatro ou de desenho e pintura. Foi com tais questionamentos que decidimos aproveitar janelas e tempos ‘vagos’ como espaços para a criação de oficinas de desenho e pintura, oferecidas para aqueles que tivessem vontade de se envolver com a iniciativa, e que em um futuro próximo possamos estender essa iniciativa para outras expressões e manifestações artísticas como a criação de cineclubes, grupos de teatro, de música, de cinema ou animação por exemplo.

O ato de desenhar, de pintar, como força de organização e estruturação do mundo, se apresenta – ou pelo menos poderia se apresentar - como perene preocupação nos processos de aprendizagem/ensino que se ocupem desse universo. Voltamos nossas atenções para o ato do desenho e da pintura, como potências transformadoras do ser e da realidade que o envolve, atravessa e transcende. Essas manifestações artísticas, assim como qualquer outra manifestação artística e qualquer outra área do conhecimento, possuem em comum a busca de sentido, de materialização e da criação de realidades possíveis:


Degas via na pintura uma disciplina toda especial, mistérios, um esoterismo técnico, e não lhe desagradava um vocabulário – do qual a prática, suas necessidades e as reflexões que ela engendra são as únicas a oferecer a chave – que afastasse o profano e, de forma singular, o indiscreto das letras. (...) A linguagem no país das artes é turvada com toda uma metafísica que se mescla de maneira muito íntima às puras noções da prática. Enquanto estas são claras e estáveis por si mesmas, e designam propriedades e procedimentos sensíveis e comunicáveis, a parte metafísica deriva do sentimento, de diversas aproximações imemoriais, da moda e da contramoda, e gera um tipo de debate que nada pode resolver. Existem muitas palavras como que encarregadas da transmissão do vago, de época para época. (VALERY, 2008, p. 167-169)



Partindo de demandas apresentadas por alguns alunos do ensino médio do Colégio Técnico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CTUR-UFRJ), abrimos um espaço/tempo na grade curricular para aprofundar as experiências daqueles alunos que estivessem interessados nesse universo (desenho e pintura). Dessa maneira, em 2010 começamos a pensar em destinar um momento na semana para que os alunos pudessem se reunir em um espaço do colégio e se dedicar ao estudo do desenho e da pintura, uma espécie de atelier livre onde os desejos daqueles interessados fossem atendidos. Em 2011 fomos procurados por professores de cursos de licenciatura da UFRJ interessados em desenvolver projetos de iniciação à docência. Os projetos apoiados no âmbito do Programa Institucional de Iniciação à Docência – Pibid, têm por objetivo estreitar a aproximação entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. O Pibid visa dessa forma a articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas) e a escola, o ensino básico. Um dos projetos elaborados pela universidade era na área de Artes Visuais. Aproveitando o ensejo decidimos utilizar os espaços extracurriculares, denominados Oficina de Desenho e Pintura, para iniciarmos a parceria com a universidade. O contato entre alunos do ensino básico, alunos da licenciatura e professores, as vivências, discussões e trocas partilhadas nas “aulas normais”, nas “oficinas”, ou em qualquer outro lugar como corredores, cantina, etc., só vem a enriquecer todos os envolvidos nesse processo.

A vivência em comum entre alunos do ensino médio e da graduação aparece como grande motivador, sem excluir, lógico, os educadores envolvidos, para quem a possibilidade de presenciar esse intercâmbio se configura como oportunidade de pensar criativamente essa grande aventura que é o conhecimento. No caso específico das oficinas de desenho e pintura do CTUR, o PIBID veio proporcionar, mais do que o desdobramento de um conteúdo específico – o que é de extrema importância já que, junto com os incentivos aos alunos bolsistas, funciona como catalisador do projeto -, um momento de troca entre universos tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes. Universos diversos e ao mesmo tempo tão semelhantes que são as realidades da educação básica e da educação superior.

O espaço/tempo da oficina pensado como atividade extracurricular tem um elemento fundamental que é a oportunidade para aqueles que se sentem especialmente atraídos por determinada área do conhecimento encontrarem ali um momento de proximidade mais aprofundada com suas próprias possibilidades, podendo vir assim a vislumbrar melhor algumas indicações de direcionamento futuro para suas vidas. Isso tanto para os alunos do ensino básico, quanto para os alunos da graduação. Mesmo aqueles que, por qualquer motivo, não tenham interesse em seguir carreira afim, ou não tiveram a oportunidade de frequentar as oficinas, a partir




das realizações e reflexões ali compartilhadas, acabam experimentando também a satisfação e as qualidades edificantes que a criação coletiva pode proporcionar. Essas criações, no caso os painéis desenvolvidos durante as oficinas, seja na forma de exposição, publicação, boca a boca ou demais formas de divulgação e comunicação, acabam envolvendo toda a comunidade em uma experiência coletiva.

O projeto foi direcionado para a composição e confecção de painéis, pintura em grande escala que poderiam ser destinados tanto a exposições quanto na composição de ambientes do colégio. Pela própria natureza, a pintura em larga escala, apesar de silenciosa e sem maiores alardes, em sua permanência e constante participação com o cotidiano do colégio, acaba por fazer parte da paisagem externa e interna daqueles que por ela transitam em seus afazeres diários. É o que podemos perceber com essas realizações que, mesmo sem ter encontrado ainda um espaço para a sua exposição permanente, já consta como potência de comunicação e expressão, visto que, para todos aqueles que entraram em contato efetivo com as mesmas, a surpresa, a admiração e encantamento visíveis se tornam o maior resultado que podíamos prever.

Utilizamos os espaços destinados às oficinas de artes para darmos início às atividades de desenho e pintura voltados para a realização dos painéis, pensados em conjunto a partir dos conteúdos propostos no projeto do Pibid. Foram desenvolvidos no primeiro módulo estudos e aprofundamento feitos sobre conteúdos previstos no projeto, que se desdobrava em torno do universo simbólico de folguedos populares e do poema Martim Cererê, de Cassiano Ricardo e, finalmente, no segundo módulo, se realizou coletivamente os painéis que foram expostos na tenda principal destinada às atividades culturais da Semana Acadêmica do colégio, realizada na última semana de agosto/2011.

Durante todo o processo encontramos inúmeras dificuldades, sendo talvez a maior delas o número reduzido de alunos participantes das oficinas. Devido a enorme carga horária prevista na grade curricular dos cursos técnicos do colégio, a disponibilidade de tempo vago se torna um artigo de luxo. A participação, assim como o êxito da proposta inicial, foi possível principalmente graças ao enorme desejo de participação e realização, motivação que levaria os alunos do colégio a continuarem suas investigações em torno do universo visual a partir dos estudos do desenho e da pintura. As dificuldades também seriam intensificadas devido à falta de expectativas dos alunos no que tange a tais atividades, limitações impostas pela falta de oportunidades que privilegiem investigações sobre o universo do desenho e da pintura.

O mundo apresentado pela indústria do entretenimento - um mundo “tal qual nos fazem crer” para falar junto com Milton Santos -, que não podemos deixar de considerar como avassalador, presença com grande dominância nas conformações




de pensamento, segue cada vez mais a lógica das velocidades extremas. Não só velocidades tecnológicas, onde a obsolescência programada de bens ou produtos induz à atualização, à corrida pelo consumo atualizado, mas também velocidades que irradiam para todos os aspectos da vida. A velocidade pode determinar o êxito profissional, social ou afetivo. Valores indissociáveis desse tempo veloz como a competitividade e a desconfiança, onde a insegurança ou a baixa estima terminam por minar esforços de solidariedades horizontais que surgem como esforços de sobrevivência em um mundo cada vez mais exclusivo, sobrevivência e sublimação daqueles mesmos valores que funcionam como instrumentos de reprodução desse mesmo mundo.

A velocidade percebida no mundo do entretenimento, nas montagens frenéticas de videoclipes ou grandes sucessos de bilheteria, em videogames, hiperlinks ou nas redes sociais ocupam por demasiado o tempo necessário à decantação de determinadas idéias, práticas e sentimentos? O vivido nessas criações em velozes alternâncias – aspecto formal mais evidente percebido nos principais meios de comunicação e entretenimento vistos panoramicamente – se revela como um dos aspectos do momento que estamos inseridos.

Como iniciativas como essas oficinas empreendidas, por exemplo, podem revelar a riqueza de práticas culturais corporificadas esteticamente e solidariamente, fundamentadas na vida cotidiana, a partir das relações sociais tecidas no dia a dia, fruto das subjetividades articuladas coletivamente, renovando criativamente estéticas múltiplas, objetivamente? Por outro lado, como processos culturais hegemônicos operados esteticamente por meio da sedução e da violência simbólica, verticalmente, poderiam configurar o que desconfiamos ser uma maneira eficaz de subjugar e dominar econômica, política e culturalmente os povos nas chamadas “nações passivas”, termo cunhado por Milton Santos. Verticalmente devido à imposição de uma ‘solidariedade vertical’ cujo epicentro é a empresa hegemônica localmente obediente a interesses globais mais poderosos, indiferentes, e até mesmo desrespeitosos ao entorno econômico, social, político, cultural, moral ou geográfico. Conhecido como ‘mercado global’, este aparece como constituinte dos chamados espaços de fluidez, impondo por meio desses lugares a reprodução de suas próprias bases, começando pela competitividade, destruindo as antigas solidariedades frequentemente horizontais.

As solidariedades horizontais preexistentes refaziam-se historicamente a partir de um debate interno, levando a ajustes inspirados na vontade de reconstruir, em novos termos, a própria solidariedade horizontal. Já agora, a solidariedade vertical que se impõe exclui qualquer debate local, eficaz, já que as empresas hegemônicas têm apenas dois caminhos: permanecer para exercer plenamente seus objetivos individualistas ou retirar-se. (SANTOS, 2008: 86)




Esta eficácia seria conseguida principalmente por um desvio das atenções que, voltadas prioritariamente para o lado discursivo ou anedótico da mensagem difundida, coloca em segundo plano o substrato das informações comunicadas por meios não verbais, sensório e não intelectual onde a vivência da imagem ou da música, por exemplo, se realiza, é experimentada diretamente. Falamos deste substrato que é inerente ao processo de formulação estética e que, por pertencer a um universo com suas próprias leis, com demasiada frequência passa de forma despercebida por uma percepção acomodada e formatada dentro do primado discursivo da compreensão: “Política, cinema e música se entrecruzam de forma tão inextricável quanto, com demasiada frequência, removida ou considerada secundária (superestrutural) em relação à desforra da tradição sócio econômica.” (CANEVACCI, 2005: 27)

Assim, um dos problemas recorrentes no que se refere à construção de currículos na área de Artes poderia se referir a alguns equívocos quanto à produção artística enquanto processo de apreensão do conhecimento. Mais ainda, enquanto área do conhecimento, o que transcende a visão redutora de simples ‘atividades lúdicas’. No caso da nossa abordagem, voltada para aspectos da visualidade e do imaginário juvenil, consideramos que a capacidade de relacionar-se artisticamente e criativamente com a vida não é privilégio de alguns especialistas dotados, mas uma possibilidade de todas as pessoas normais, a “quem a natureza favoreceu com um par de olhos”. Considerando que as “formas e cores possuem propriedades anímicas poderosas”, destacamos a importância do fazer artístico na construção desses saberes:

Temos negligenciado o dom de compreender as coisas através dos nossos sentidos. (...) Nossos olhos foram reduzidos a instrumentos para identificar e medir; daí sofreremos uma carência de idéias exprimíveis em imagens e de uma capacidade de descobrir significado no que vemos. (...) A capacidade inata para entender através dos olhos está adormecida e deve ser despertada. E a melhor maneira é manusear lápis, pincéis, escalpelos e talvez câmeras. (ARNHEIM, 2000).

Esta questão merece uma atenção especial. Acreditamos assim na ‘necessidade’ do fazer artístico, estético, como parte integrante e inseparável dos currículos escolares. Um indicativo que justificaria esta preocupação seria a sempre presente procura pela investigação debruçada sobre o fazer artístico como parte indispensável ao processo de aprendizagem.

Eu mesma escrevia muito mais há um tempo atrás, naquele tempinho logo ali, no qual computador era coisa para rico e a internet era só discada, e nossa mãe reclamava que ocupava o telefone. Eu tinha




prazer de, no tempo que tinha vago, pegar um lápis e um caderno e sentir o gosto da minha imaginação se transformando em palavras, em contos que eu adorava dizer que era poesia. (...). Não tinha a menor idéia do que escrever, não tinha a menor obrigação. Não dava a mínima atenção para gênero ou concordância, escrevia porque era gostoso escrever. (...) Agora passo o meu dia todo no computador, em redes sociais ou em frente à televisão vendo filmes e documentários (...) Onde está o desejo de escrever um texto por mero prazer, por simples surto de criatividade? (MENDES, Madalena Rodrigues, 2011, p. 66)

A longa citação acima foi extraída de um conto escrito por uma aluna da 2ª série do ensino médio para o livro *Raízes Literárias*, organizado pela equipe de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio Técnico da UFRRJ. Essas palavras trazem muito das inquietações presentes na contemporaneidade. E a juventude, como estado especial, não deixaria de sentir intensamente essas inquietações.

Pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio.(...) O conhecimento do mundo real exigiria investigações complexas. Os mundos sonhados, os mundos do devaneio diurno, em boa vigília, pertencem à uma fenomenologia elementar. (BACHELARD, 2009, p. 14)

A reflexão e o devaneio necessários à saúde psíquica, sufocados pela quantidade, velocidade e alternância de temas e interesses, se tornaram artigo de luxo para poucos que podem privar destas potências da atividade humana? Aquelas sutilezas da “função do irreal” de que nos fala Gaston Bachelard, que nos garantem o “ingresso no mundo da confiança” e no mundo do “ser confiante” perdem terreno em um mundo da desconfiança e da supressão da autoestima, fragmentado e fragmentador também pela falta de aglutinante que é a confiança em si e no mundo, fragilizado inclusive pelo simples ato de ignorar as possibilidades e potências próprias e do mundo. Um mundo que possui um tempo diverso daquele tempo determinado pelas relações econômicas que regem a lógica do atual estágio do capitalismo.

O esmero em atualizar-se sobre a vida que se move velozmente através do parapeito da janela, distraindo e perdendo de vista o que acontece dentro de si mesmo e do contexto em que estamos envolvidos diretamente levaram-nos a refletir sobre a afirmação de Milton Santos: “A nação ativa aparece como fluida, veloz, externamente articulada, internamente desarticuladora...” (SANTOS, 2008: 156). Lima Barreto, no começo do século XX chamava atenção para algumas características marcantes da sociedade tão bem descrita e vivenciada por seu espírito crítico. No seu romance *Os Bruzundangas* de 1923, ele nos deixa uma imagem da feição geral desta sociedade economicamente ativa, representativa, ‘oficial’ como queria Machado de Assis, ou ‘nação ativa’, termo utilizado por Milton Santos:




Por mais que queiram, por mais que se esforcem semelhantes homens, atarefados dia e noite nos escritórios ou na indústria política, não podem ter o repouso de espírito, o ócio mental necessário à contemplação desinteressada e à meditação carinhosa das altas coisas. Limitam-se a pousar sobre elas um olhar ligeiro e apressado, e a preocupação de manter os empregos e fazer render os cartórios, tirar-lhes-á o sossego de espírito para apreciar as grandes manifestações da inteligência humana e da natureza (BARRETO 1998: 71).

Um problema já colocado há algum tempo e que continua a nos preocupar ainda hoje. Guardadas as devidas proporções, as enormes transformações ocorridas desde então, parece-nos que a imagem deixada por Lima Barreto continua atual, agora potencializada e disseminada entre um número infinitamente superior de agentes.

Acreditamos que a imagem poética simplesmente não se sente a vontade em participar desse tempo externo extremamente veloz - como se nunca o pudéssemos alcança-lo em sua plenitude, visto a sua inconstância, sua alternância e fugacidade -, cremos que ela possui um outro tempo, o seu próprio tempo. É esse tempo que nos interessa por hora, mais especificamente em como se encontrar com ele em meio ao turbilhão desencadeado pela temporalidade imposta verticalmente. Imersos de forma indelével nessa lógica, a do atual estágio que o capitalismo se encontra, lógica economicista generalizada universalmente. Outro tempo também como alternativa concreta. O tempo lento que Milton Santos colocou como a força dos fracos

Aumentar a percepção criando e vivendo uma imagem, amando a imagem, atividade que acreditamos potencializar a consciência do ver. Competência do olhar, criação do espírito e potências da alma. Acompanhando o pensamento de Gaston Bachelard em suas incursões sobre o devaneio poético, pedimos licença para utilizar esse mesmo pensamento para nos aventurarmos no mundo do pensamento visual, daquela poesia visual que o poeta Carlos Drummond de Andrade chama a atenção ao se referir às pinturas de Alberto da Veiga Guignard.

Levando o ensaio para esse lado, pensamos que poderíamos trabalhar com o devaneio do desenho como aquele que se pretende desenhar, como o sonhador que escuta os sons das formas visuais. A consciência em expansão que tem na ponta do lápis, ou também nas misturas entre as cores, uma extensão do próprio cérebro. O olho pensante, nos levando até o desenho ou a pintura, vai ser um pensamento transmissível, inspirador na medida das nossas capacidades de observadores “participantes da imaginação criante” (BACHELARD, 2009). Entremos, pois no domínio do entusiasmo desenhado e pintado, em formas e cores.



Essa moda está acabando. Mas o benefício permanece. Ainda existem almas para as quais o amor é o contato de duas poesias, a fusão de dois devaneios. (...) Os devaneios de duas almas solitárias preparam a doçura de amar. Um realista da paixão verá aí apenas fórmulas evanescentes. Mas não é menos verdade que as grandes paixões se preparam em grandes devaneios. Mutilamos a realidade do amor quando a separamos de toda a sua irreabilidade. (BACHELARD, 2009, p. 08)

ISSN 2316-6479

Bachelard fala de moda, mas desconfiamos que seja algo mais. Moda nos faz pensar em algo passageiro, o que não procede quando falamos de sonho, criação, o ato de escrever, de desenhar. As idéias sobrevivem por conta daqueles que acreditam, colocam sua força vital nelas, em sua permanência, desdobramento e reprodução. A ideia que tratamos em particular neste ensaio é a ideia do desenho, não a ideia a priori, mas a ideia do viver o desenho, como ato constitutivo, como práxis, como pensamento que começa a existir ao se fazer, sintetizando vivências passadas em uma nova vivência, um pensamento visual criador de possíveis. Gostaríamos de deslocar o entendimento da escrita que fazemos aqui, por exemplo, para a escrita das imagens. Pensadas criativamente, coletivamente participadas, aproveitando os espaços escolares, não apenas aqueles destinados ao desenvolvimento dos currículos instituídos, mas principalmente os espaços dos desejos, das vontades, como eficazes alternativas às reproduções das relações de produção que regem o mundo contemporâneo.

Referências

- ARNHEIM, Rudolf. *Arte & Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora*. Rio de Janeiro: Ed. Pioneira, 2000.
- BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Rio de Janeiro: Ed Ática, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora 2005.
- MENDES, Madalena Rodrigues. . In: AnaLúcia (Et Al) (Org.). *Raízes Literárias* 1º Edição. Rio de Janeiro: Talagarça, 2011.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- VALERY, Paul. *Degas, Dança e Desenho*. São Paulo: Cosacnaify, 2008.



Minicurrículo

Gilliat Moraes Giudice é Bacharel em Gravura pela UFRJ, licenciado em Educação Artística pela Universidade Cândido Mendes (2007) e pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes (2009). Professor de Artes do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR/UFRRJ) e mestrando do PPGEDuc/UFRRJ.

ISSN 2316-6479

MONTEIRO, R. H. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual
Goiânia-GO: UFG, FAV, 2012